

O PÃO

DA FADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente—S. JOÃO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 1. de Abril de 1895.

NÚM. 13

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 28000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

Por conveniencia de cobrança deixamos de accoitar assignaturas para o interior e Estados por menos de um trimestre. O preço é porem o mesmo da capital.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao ~~seu~~ gerente, e não do Major Facundo n. 4.

SUMARIO.—Os quinze dias, Moneyr Jurema;—Troços, Lopes Filho;—Criminologia e direito, Clovis Bevilacqua;—Retorno, Miguel Barros;—A Folha do Parreira, André Carnaluba;—Bandas de retro, P. Corrêa d'Almeida;—Tor:drado, Livio Barreto;—Um grande incanto, J.;—Condições e Contradições, José Carvalho;—Chromos, X. de Castro;—Bibliographia, M. J. e Anatollo Gelval;—A Ella, Antonio de Castro;—Recados, M.;—Pendão auri-verde, Leopoldo Brígido;—Carteira.

Os quinze dias

Que Deus nos perdôe, mas o inverno nesta quizenza esteve um boecadinho casôte.

Meio-mucho d'agua num mez já dá para aguar o prazor que temos de escapar a uma secca com que nos andava a ameaçar este bonito e traçoireiro céo que nos cobre.

O chronista, que, pela sua osquia verticalidade o pelas suas plumbeas qualidades de pessalmo nadador, nada tem de capo, contempla aterrorisado de aqua janella os grandes lagos que a chuva forma pelas ruas, lagos espaciaes de ~~plumbagem~~ não somente a compacia plumbosa das flocas como também o proprio edificio da municipalidade.

Casas existem das cujas janellas já se pode pescar a gannia e mesmo a linlin, pois já deve haver por esses charcos alentados peixos que a maré tenha impellido riocho do Pajohú acima.

E por falar em peixe e como hoje é 1.º de Abril é bom que os nossos leitores se ponham em guarda contra as tradicionais patranhas que costumam apparecer hoje e a que os francezes chamam *peixes de Abril* (*poissons d'Abril*) ou *patos de Abril* (*canards d'Abril*).

Peixos ou patos, tudo é cousa que anda n'agua, e aguçá em Abril é cousa que não falta.

Pela nossa parte fiquem descansados, que não temos pela nenhuma a lhes pregar.

A nossa pobreza de imaginação para inventar carppeções que nos façam rir à custa do proximo, nos obriga a não partilharmos dessa especie de carnaval do espirito em que tanta gente se distingue.

Assim, fica consignado que não tomaremos parte no tiroteio de mentiras que hoje se trava entre os amantes do genero e que contemplaremos de longe, de muito longe, da mesma remota distancia que ha entre a nossa casa e o actual edificio do Correio.

Vencendo a pé essa enorme distancia, exausto e suarento, trouxemos hoje o estropeado carteiro uma missiva cujo conteúdo dos impressionou sobremodo.

Seria egoismo nosso guardarmos só para nós as estranhas revelações que contem essa carta, a qual deixamos de publicar integralmente para não tomarmos muito espaço.

A carta é datada de uma localidade sita a poucos kilometros desta capital e firmada por G. A. L., inicias de um moço muito conhecido de quem escreve estas linhas.

Eis, como G. A. L. narra o facto:

«Tendo ido hontem á capital a negócios, almoccei numa casa de pas o (ou de repasto, porque *passo* é pr'a luchos) muito conhecida, numa meza proxima a outra em que almoçava um jovem escriptor cujo nome não posso designar nem pelas iniciaes porque seria dal-o a conhecer.

Pouco depois houve entre elle e o dono da casa um dialogo que aqui vai

transcendo; só posso perceber algumas palavras por falarem muito baixo.

Eis o que ouvi:

—Então, já veio á luz?

—Já. Vem o embrulho ahi. Esconda bem.

—Posso matar?

—Mato. Quanto ao mais, só com a presença dos outros. A' noite veremos aqui.

—Quantos são?

—Vinte e cinco.

—Quando se apresenta a creança?

—Só quando eu lhe fizer signal. Não se esqueça do gêlo.

—É melhor no salão, porque ninguém vai lá. Mas não façam barulho que ha familias na vizinhuça.

—Que nome tem?

—(Não entendi o nome pronunciado pelo interlocutor do dono da casa.)

—É preciso arranjar flores.

—Já mandei encomendar.

—A' noite trago-lhe os cartões com os nomes.

—Fex o do delegado?

(Não percebi a resposta.)

Neste ponto entrou pela sala um trabalhador da rua tendo na cabeça um caixão estreito e comprido, e o moço disse para o dono do hotel:

—Guarde debaixo de chave e não consinta que ninguém entre no salão.

O dono do hotel entrou para os fundos da casa acompanhado pelo moço e pelo trabalhador que conduzia o caixão.

Engoli as pressas o resto do almoço e intrigadissimo afastei-me do tal hotel onde não pretendo pôr mais os pés.

Sem base para uma denuncia, pouco lhe que me aconselhe a resolução que devo tomar a respeito deste mysterioso faciente que parece envolver algum desses dramas cujo acto final se leahobrn na sala do tribunal do Jury.

Respondi a G. A. L. que nada tinha a lhe aconselhar, podendo entre tanto dar publicidade a sua carta assim de ver que conjecturas despertara e qual seria a attitud da policia.

E' o que faço; e quem quizer que procure a ~~lib~~ da moeda, pois tenho muito mais que fazer

Já não é pouco o trabalho que tenho tido em escovar meu fato de cerimonia tão semcerimoniosamente in-

vadido pelo mófo, que estraga uma fatiada com a mesma facilidade com que arranja um cacophaton desses de arripiar cabellos e estrompar ouvidos pudibundos.

Tem-me dado um trabalhão expurgar a minha soulga da lepra do mófo e pô-la em estado de fazer boa figura no regabofe com que a Padaria festeja o apparecimento das Troças do Norte, do meu bom amigo Antonio Salles.

Comprehendem, que, tractando-se de um livro do Salles, eu falaria ao mais sagrado de todos os deveres si não fosse em momento tão solenne erguer... um dos 25 talhares que conta o jantar em cujo preparo o Mané Coko tem desenvolvido todo o seu talento culinario e toda a sua erudição junqueireana.

O momento é decisivo, e os amigos conhecem-se é nas occasiões.

Não faltarei, portanto.

MOACYR JUREMA.

Criminologia e direito

I

A criminologia, em sua feição puramente naturalistica, pretende desagregar da sciencia do direito o estudo do criminoso e do crime, da imputabilidade e da reaccção social que se traduz em penalidade. Ao direito restará somente o ponto de vista pratico da applicação e da interpretação da lei. As altas indagações sociologicas em relação ao phenomeno do crime, o exame do criminoso como individuo biologico de feição propria não cabem na esphera dos estudos juridicos e, portanto, deve o legista, como se diz em linguagem de menos-presos, é esperar que a solução das questões criminologicas lhe sejam obsequiosamente offerecidas, sem que elle tome intervenção alguma, por aquelles a quem foi dada a graça especial de penetrar nas mysteriosas regiões sagradas das sciencias naturaes, si é que um tal adjectivo ainda pode ser empregado sem pleonasmos.

Eu comprehenderia que essa interdicção fosse atirada sobre o direito em nome da sciencia, como um concitamento para que elle sacudisse de cima dos hombros a velha toga preta que envergara ao tempo da cultura romana e que já andava desbotada e poida, a fazer um doloroso contraste com as vestes novas e brilhantes das sciencias em floracção neste seculo. Mas essa epocha não é mais a nossa, e desconhece a sciencia do direito quem suppoz que na sua biblia ainda é actualmente o *Corpus Juris*, aliás um thesouro opulentissimo de experiencia e saber, aliás um preciosissimo documento para o conhecimento da consciencia ethico-juridica de uma epocha. Hoje o direito, si ainda não pode gabar-se de ter consummado a transformação scientifica que iniciou, incontestavelmente já se apresenta sob um aspecto differente e não mais vem mauquejando como caudatario remisso no sequeito magestoso das sciencias.

Eu comprehenderia essa interdicção; mas, ainda assim, manteria a convicção de que nenhuma outra sciencia conseguiria dar uma idéa completa do crime, e, consequentemente, nenhuma conseguiria explicar cabalmente o criminoso que é o agente productor d'aquelle phenomeno. Melhor do que qualquer outra sciencia, veria a physiologia uma face do assumpto; uma outra illuminaria a psychologia com recursos que somente em seu dominio encontrar-se-iam; a ethnologia, a anthropologia, a linguistica, a sociologia veriam dos seus pontos de vista especiaes, o phenomeno se acharia envolvido por um circulo cerrado de factos luminosos, mas ainda faltaria alguma cousa para bem o comprehendermos e, visivelmente, o fim pratico que determinou a necessidade das indagações sobre a origem, a natureza, as formas e o alcance do phenomeno criminologico, se não desmuntaria.

Será preciso que, depois de todas essas sciencias, e aproveitando certamente os dados por elle fornecidos, fale ainda o direito. Somente elle poderá effectuar a convergencia dos pontos de vista, somente elle poderá dar um remate e o acabamento natural aos processos de indução iniciados por outras quizesquer disciplinas em relação ao crime, porque é esse um phenomeno da ordem sociologica e da especie juridica, muito embora suas razas se prolonguem e penetrem nos dominios distantes da psychologia e da biologia, muito embora outras disciplinas reclamem a competencia para o esclarecimento de suas condições primarias.

Não é uma disputa vã essa, e semelhante á querela fatua do trasgo e do gnomo nos *Opusculos e pensamentos* de Leopardi. Os lezardos e os mosquitos supõem, como o homem e dispondo dos mesmos titulos, ali se diz, que o mundo foi feito para o seu uso exclusivo. Cada sciencia, ou, melhor, cada escriptor que se apaixona por um ramo do conhecimento humano, imagina que domina, do ponto onde acha, a totalidade do mundo ou do universo: pelo menos acredita que a porção de phenomenos que estuda é a mais nobre, e que as leis que encontra em a nesga da natureza sob seus olhos são as melhor verificadas.

Não se veja, no que affirmo, uma pretensão desse genero, inoffensiva e ingenua, mas absolutamente insustentavel. Aceitemos, os juristas, todas as informações, quaesquer que sejam as suas fontes, contando que sejam sinceras e provadas, peçamos documentos a todos os systemas, a todos os methodos empregados para dissecar, explanar e classificar o crime e o criminoso; mas, neste conflicto de jurisdicção, não cedamos uma linha, porque iriamos assim amputar uma das mais bellas porções da jurisprudencia.

E nem é somente no estudar o crime e o criminoso que o direito pede auxilio a outros dominios da sciencia. As diversas disciplinas em que o saber humano se divide formam um consensu entreteido por interdependencias perfeitamente assignalaveis.

Cada qual recebe de outras elementos de vida e sobre ellas tambem os transfunde.

Seja-me permitido concluir com uma exemplificação a serie de considerações que estou fazendo. A economia politica se occupa com a produção e circulação das riquezas na sociedade. O commercio, sendo um dos meios de effectuar a circulação, porque elle é a força que aproxima o productor do consumidor, cae sob o dominio da economia politica. É justamente ella que nos deve assignalar sua natureza, suas funcções, determinar seu desenvolvimento e suas crises. E as relações que engendra o commercio devem ser apreciadas através do criterio da economia politica.

Si olharmos para a litteratura commercialista de nossos dias, verificaremos, ao primeiro golpe de vista, que não ha jurista de valor que penetre no campo do direito commercial, sem previamente saturar-se dos principios fundamentaes d'aquella sciencia. Mas o que concluir d'ali? Que o jurista não deve aprofundar-se no conhecimento desse phenomeno sociologico, que todo elle deve conservar-se encastado na sciencia economica? Grosseiro absurdo seria o de semelhante conclusão. O que cumpre inferir dessa transformação de idéas é que novos horisontes se abriram á sciencia do direito, neste como em outros departamentos.

Recife—1895.

CLOVIS BEVILÁQUA.

Ritorno

*Passando vejo-os como se voltassem,
Esses de outr'ora dias que passaram,
Mas tão fugaces passam q' julgam
Meos olhos q' realmente não passam*

*Com elles tudo volta e tudo oculta
Um sorriso, uma lagrima, um mysterio,
Porque n'elles enredo um cemiterio
Onde muita illusão ficou sepulta.*

*Vejo-os passar trazendo-me á lembrança
Quanto q' outr'ora modolei sorrindo,
Quando creança-da existencia abria
Fui essa estrada onde brinquei crean-*

*ça...
Depois a lucta que tracei renhida,
As adagas da Fé quasi empedaçadas
E da Crença os broqueis ritos nos braços*

Nos olhos braços da uma cruz partido,

*Ed'esses triumphos q' já furam nossos,
D'esses q' eu sonho, como se os sonhas-*

*as
Nada restara, se inda não restara
Tu q' inda restas sobre os seus destruc-*

ções!

Recife.

MIGUEL BARROS

A FOLHA DE PARREIRA

A ANTONIO SALLES

Era num domingo.

A luz branca e suave da manhã, via
a pouca e pouca inundando a terra
e o mar.

Fresca aragem remexia de manso
nas folhas das arvores do Passero, em
cuja sombra os passarinhos modulava-
vam notas alegres.

Manhã esplendida!

Por toda a parte ar fresco e fra-
grancia de flores, grato sussurro e
céu azul sem nuvens, alegria geral e
lá em baixo o mar verde e tranqüillo
a se espreguiçar em molles coxins de
alvissima areia?

O astro-rei erguia-se por cima do
quartel do 11 Batalhão, doando-lhe to-
do com sua luz forte, quente e vivifi-
cante, ao mesmo tem o que do Hos-
pital de Caridade partiam sons agra-
dáveis de vozes feminis, ecoando
uma musica deliciosa.

O Passeio estava deserto.

Pelas 7 horas, D. Leonora correct-
mente vestida de preto, lura e bella,
ainda no fulgor da mocidade, entrou
pelo portão do lado da rua Formosa,
conduzindo pela mão um menino de
tres a quatro annos de idade.

Atravessou parte da avenida Mon-
rô, e foi sentar-se num banco da es-
querda, proximo do tanque em frente
à rua do major Facundo.

A criança começou a passear, a
brincar, a correr, a ri-se e as viravul-
tas dos peixinhos do tanque, a con-
templar as flores dos abereces, que
estavam a disputar-lhe o despojo de
colher-as, a ver tudo, a observar tudo
n'uma actividade surpreendente.

Tinha as faces vermelhas pelo efec-
to da agitação, e gotas de suor cor-
riam-lhe da testa de uma altura de
neve.

A mãe acompanhava-o com a vista
e deliciava-se assistindo aquelle acti-
vissimo exercicio, que lhe traza for-
ça e saúde.

Subito, a criança parou em frente
a estatua do Gladiador.

Fitou-a vivamente, observou-lhe as
feições contrahidas do rosto, a irrita-
bilidade dos musculos dos braços e
do tronco, a posição detreada, amea-
çadora, feroz, e ao dar com os olhos
na folha de parreira, ficou firme, sur-
preso e immovel um instante, e como
mergulhado num pensamento que o
absorvia profundamente, volta-se e
vae com passo vagaroso sempre a
meditar até onde estava a sua boa
mamã.

D. Leonora notara uma certa alte-
ração no seu rosto.

Chegando-se a ella, que o recebia
n'um afago, posou as mãezinhas nos
seus joelhos, e com os olhos cravados
nos olhos della, diz em tom de admi-
ração: mamã, tambem nasce folha
de mato na *pinhinho* da gente?

D. Leonora, rindo docemente, beijou-o, comprimindo-o ao peito e res-
pondeu que não.

ANDRÉ CARVALHO

Bandas de retroz

*Os quadras nucionaes são todos de pacientes,
conforme se deduz da pilha dos despachos;
há innumeras curoneis, além dos postos baixos
de alferes, capitães, majores e tenentes.*

*Nas guerras, quando as haja ou estejam iminentes,
teremos de admirar cocares ou pennachos
amarellos galões, as dragonas de caixas,
e os ricos trancelins que tu, airgueto, incentes.*

*Officiars afluiz observe e, nesse caso
ou seja como for, não ha soldado raso
nos ricosos quartéis ou vicieas fileiras.*

*E o simples cidadão não tem de vestir farda
afim de defender a tiros de espingarda
a honra dos gentis donzellas brasileiras.*

Minas Geraes—Barbacena—Fevereiro—1895.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA

TORTURADO

A ANTONIO HORACIO

*Porque has de vir assim com teu sorriso calmo,
E o teu cox matioso, e o teu olhar radiante,
De minh'alma sondar o fundo abyssmo hianito
Como quem sonda um mar terreno palmo a palmo?*

*Ha clangor de blasphemia e doçuras de psalmo
Em torno; e em cima o vento hysteric e possante
Da Durida cruel com seu sopro gigante
Ruge, quando em teu rosto o meu olhar espulmo.*

*Recuo si sorris; si choras me aproximo;
E, como um rio, então, abro o meu seio: o limo
Dorme quieto no fundo: é o repouzo da Dor...*

*Siflaco o ter quere, preme no seio a pairão...
Não chega a suciar meu doído coração
A magoa d'esse affecto, a angustia d'esse amoi!*

C'azucini—1895.

LIVIO BARRETTTO

Um grande invento

Um americano de Philadelphia, que
é ao mesmo tempo grande industrial e
homem de letras, acaba de realisar, se-
gundo afirma o *Pennsylvanian Letter
and Arts Magazine*, um dos inventos
mais prodigiosos deste seculo.

Trata-se de uma machina de fazer
versos, ou antes, de compor poesias.
Parece que devia ser um machinismo
esse extremamente complexo; pois ao
contrario disso afirma a respeitavel
revista que é da maior simplicidade.
Pequenas laminas de metal, onde estão
gravados por um processo modernissimo
e rapido não todos os vocabulos da
lingua, mas somente aquelles que são
dignos de figurar na linguagem das
Musas, e cuidadosamente graduadas es-
tão dispostas em cartetas como as dos
tipos, porem fechadas. Escolhidas as
rimas, para o que tem a machina um
mostrador especial, e graduado por um
pequeno botão o numero de syllabas
que deve conter cada verso, toca-se

numa pequena manivella e as palavras
vão cahindo em um receptaculo e for-
mando assim quadras, sextilhas, oita-
vas, sonetos, etc.

Para as escolas genuinamente ne-
phelibatas ha aparelhos especiaes sem
botão regulador do numero de syllabas.

A propriedade do invento foi adqui-
rida mediante a somma de 30.000 dol-
lars pela *Boston Sonnetting corpora-
tion limited*, que já está montando
uma fabrica em *John-Staunton City*,
perto de *Alberrmale*.

Numerosas experiencias têm sido
feitas com as novas machinas em 4
linguas: inglez, hespanhol, francez e
italiano. Os nephelibatas, decadistas,
symbolistas, rosacruzes, etc. estão en-
thusiasmadissimos. Têm sabido da ma-
china poesias que ninguem duvidaria
zerem de *Verlaine*, *Mallarmé*, *Moréas*,
do *Walt-Wittmann*.

FEBREIRO—1895.

Condições e contradições

E' bem feliz o Antunes com sua querida esposa, D. Hortencia; sua felicidade de um casal consiste somente em viverem ambos de commun accordo e esforçando-se no desempenho da grandiosa missão de—crescer e multiplicar—imposto pelo Eterno ao genero humano em sua inutil e irreparavel queda.

Amam-se mutuamente; e os visinhos e a sociedade teriam que ver ali a verdadeira e doce paz do lar, teriam que apreender o edificante e salutar exemplo da boa educação da familia, ai um *desequilíbrio* não se opposse a isto como uma verdadeira lei de contraste.

O Antunes teve uma mocidade agitada e cheia de peripetias para um rapaz do sertão; quasi creança ainda, deixou a casa de seu pae, um rico fazendeiro, e lá se foi pelo mundo afóra em busca de um futuro romântico com o seu genio entusiasta e ardente; e, si durante todo o tempo de tão longa ausencia não o conseguiu e nem firmou sua posição social, também não foi de todo inutil—defendeu a patria e adquiriu um certo alviantamento de espirito—que o fez enbressahir de todos da familia quando voltou ao centro de sua provincia.

Tornou-se, pois, muito conhecido o Antunes em sua aldeia, pelas estroinices de soldado e pelas idéas adiantadas; fez muitas bravatas, e, em breve, atraiu fôra toda a fortuna que lhe coube por morte do velho fazendeiro, seu pae.

Apesar de ser um rapaz adiantado não trepidou em apaixonar-se pela Hortencia, uma rapariga bonita, mas crissamente ignorante, presumçosa e cheia de preconceitos e de *prejuizos* de familia.

Casaram-se. E a lua de mel passou com a dissonancia que ha entre um espirito fogoso e ardente e uma alma indifferente e fria, onde em lugar do fogo abrasador da paixão e do amor ardiam somente os instintos da materia em toda sua inconsciencia animal. Ao primeiro desacôrdo que houve entre o novo par, deu-se o mesmo phenomeno que se dá ao contacto do fogo e da polvora — foi um incendio, um fracasso! Injurias, improperios, diffamações, honra da familia de parte a parte, columnias e maldições, nada ficou que não voasse como verdadeiras lavas da cratera destes dois vulcões que ameaçavam-se destruir-se mutuamente.

E assim se passaram muitos annos, reproduzindo-se todos os dias as mesmas scenas, os mesmos desacôrds.

Hoje, estão muito differentes da que foram; o tempo tudo modifica, e o psychologista que estudasse este phenomeno descobriria nestas duas creaturas as provas inconcussas da assimilação dos espiritos. D. Hortencia aprendeu com o Antunes alguma coisa de seu espirito cheio de phantasia, amoroso e ardente e lhe deu em retribuição muito de sua alma indifferente e fria, cheia de preconceitos, do *prejuizo* e do orgulho.

O Antunes está domado pelos mesmos attractivos que elle proprio teve

para legar a sua mulher; e, por isso são felizes; si a felicidade de um casal consiste somente em viverem ambos de commun accordo e no desempenho da grandiosa missão de—crescer e multiplicar.

D. Hortencia, para o resto da humanidade, nada perdeu de suas qualidades primitivas; é a mesma sempre; intrigante e orgulhosa.

E' mesmo como ella propria diz: de raça!

Suas amizades não duram o tempo de outra qualquer, por passageira que seja; e quando o Antunes desocupa-se de seus labores de empregado publico, ella conta-lhe o a b c de sua nova desavença; elle se enfurece e lá ferve o borborinho de descomposturas contra o visinho ou a familia que infelizmente e sem motivo algum cahiu na inimidade de D. Hortencia.

Ella incumbie ao Antunes o dever de, nos salões, nas rodav, pela rua, por toda parte enfim onde andar, *cortar a pelle* da pobre familia com quem se intriga, ao que elle obedece religiosamente e executa com uma pericia admiravel.

São bem felizes, o Antunes e sua querida esposa; vivem de commun accordo!

O mesmo não se dá alli, onde se devia ver reunida toda a felicidade da vida.

A poucos kilometros da cidade ou da casa do Antunes, perto da estrada, esta a pobre choça no meio de um roçado aberto pelo vigoroso braço do Manoel.

Maria, a esposa do Manoel, ignorante também como D. Hortencia, dá todos os dias o mais bello e o mais sublime exemplo do amor conjugal.

E' muito de admirar como o Manoel, um caboco material e estúpido tenha vivido alguns annos junto a sua mulher; e o psychologista que observasse o phenomeno do Antunes, aqui se acharia diante de outro principio e convencido de que—o amor da mulher pôde domar as proprias feras.

O marido, sem noção alguma do amor e do bem, dá a pobre da esposa uma vida de verdadeiro martyrio. Pretextu um motivo qualquer e sem dar ouvidos a razão alguma, lança mão de um azorrague que conserva para este fim e bate-lhe estúpida e impiedosamente, cobre-a dos mais tristes improperios e depois toma a rede, at-a a tira-collo e segue estrada a fóra, protestando nunca mais voltar ali. Ella, coitada! tremula, convulsa e mal segura ainda, corre chamando-o e pedindo a quem passa, que não deixe fugir a a luz de seus olhos, seu amor e sua vida.

Volta o Manoel; e naquella dia o amor e a humildade enternecem-o de algum modo e elle toma a enxada e vai trabalhar para o sustento dos filhos.

Eis porque ali, perto da estrada, a poucos kilometros da casa do Antunes, esta a pobre choça no meio de um roçado aberto pelo vigoroso braço do Manoel, a onde não se vê revulsa toda a felicidade da vida.

Ha muitos annos que são casados, mas o espirito inculto e rude do ca-

boco ainda não se pôde assimillar, e o ternu amor de Maria apenas lhes tom alcançada a ventura de viverem unidos, embora sem experimentarem a mesma felicidade de que goza o Antunes com sua querida esposa.

Fortaleza—95.

JOSE CARVALHO.

CHROMOS

XVI

NÚA, NA SALA

*A Maricota é menina
De sete annos completos;
E' tudo,—a graça, os affectos
Da mamã, D. Paulina.*

*No quintal está despida;
D'uma bacia de estanho
Mozendo n'agua, entretida,
Fallando só, toma banho.*

*Chega Luiz, o irmãozinho,
Dis:—Me deixa um banhosinho.
Cotinha, d'ess'agua tua...*

*Ella á sala vem gritando:
—Papae, Nêst'ia espiando
P'r'a gente no banho nua!...*

XVII

EM PORANGABA

*Pára o trem. Da villasinha
Verde, risonha, engraçada,
Vem pura a beira da Estrada
Toda a gente, alli cisinha.*

*Começa na ferrea linha
Por gritar a meninada:
—E' olha a castanha assada!
E'nova, e' hão, e' fresquinha!*

*—Dê cá, dê um passageiro.
E enquanto puxa o dinheiro,
Parte o trem já da Estação...*

*Corre, e o menino aturdido
Grita e brada enraivecido:
—Paga as castanhas, ladrão!*

XVIII

A ALLEGIA

*Nos ures bradu o foguete!
Repicam todos os annos!
Rola o judas no cavete!
Que algazarra entre os meninos!*

*Uns rasgam-lhe as coleas finas
E vão-lhe o corpo arrastando;
Outros tiram-lhe as botinas,
E vão-lhe o fraque arrancando...*

*Uma mocinha do caso,
Vendo que tudo se arrasa,
Por uculá se deslisa,*

*Gritando:—Mamã, acuda!
Desta casaca do juda
Papae diz qu'inda precisa!*

X. DE CASTRO.

BIBLIOGRAPHIA

Cartões, por *Garcia Redondo*—Editor, *Domínio de Magalhães*—Capital Federal 1895.

Acabo de virar a última página das *Cartões*, de Garcia Redondo, o o que dellas posso dizer é que justificam perfeitamente o seu título.

A penna que as traçou precisa ter sido embelhada no coração, no coração sadio e generoso de quem soube fazer deste *valle de lagrimas* o *paiz da ternura*.

Nos tempos que correm, assolados de pessimismo e de crua positividade, um livro como as *Cartões*—tão azul e tão suave—é um mimo inapreciável.

Lê-lo, é passar algumas horas de emoções dulcíssimas, é repousar o espirito das bruscas e enervantes sensações que nos proporciona a leitura dos doentios productos do espirito moderno, tão propenso a desondar misérias, a apresentar a vida pela sua face mais triste e desconsoladora.

Maeterlinck, Rollinat, Strindberg, Nordau, Tolstoi e tantos outros allucinados apostaram-se para fazer da Penna uma arma de destruição e de terror.

E o tédio e a desesperança são as notas dominantes das produções de hoje.

Alguns abrigam-se a um mysticismo bisarro e refalsando, a esbravejar preces enquanto baixinho cochilham imprecações, como Verlaine, na sua renga compunção de quem procura crer á viva força.

E' este o espectáculo que nos offerece a intellectualidade europia, que nós começamos a marcar como si estivessemos nas mesmas desgraçadas condições psychologicas e sociaes a que chegaram povos gastos pelo attrito de tantos annos de civilisação crescente e devoradora.

Não ha duvida que a molestia do século começa a minar a intellectualidade brasileira, molestia que não appareceu espontaneamente, mas que importámos mui simplesmente como si se tractasse de um objecto de moda.

Felizmente ha ainda muitos organismos sãos, transbordantes de bella seiva.

Entre esses se conta Garcia Redondo, que teve arte de debuxar algumas desenas de paginas, onde narra com singeleza e meiguice a historia das suas *viagens pelo paiz da ternura*, ou sejam os annos da sua vida affectiva desde a adolescencia até hoje, quando já tem vergontosas que sobrepunjam a altura do tronco primitivo.

Depois de nos descrever os encantos do lar, conta-nos na *Botânica amorosa* o segredo das plantas e das flores, desvendando-o em confabulações com a sua meiga companheira. Junto ao homem do lar apparece o homem da sciencia, mas sempre jovial, apaixonado o affectuoso.

Um temperamento assim é uma excepção consoladora.

É uma obra que, occupando-se com petteles da vida intima, tem o condão

de prender tão fortemente a attenção e emocionanar tão deliciosamente—e por que reflecte com precisão estados do nossa alma, fazendo com que vibrem no leitor as mesmas cordas que vibraram no autor ao traçal-a.

O estilo é incisivo, limpo e singelo.

E um livro em que a um fundo sincero e vibrante se allia uma forma bella e facil—é uma obra d'Arte em que pese aos dissecadores de phrases e aos bacteriologistas do estilo.

Receba Garcia Redondo os meus parabens, de envolta com os meus votos para que o seu venturoso lar e o seu garrido jardim ainda lhe dem assumpto para livros tão doces, tão humanos, tão consoladores como as *Cartões*.

Março—1895.

M. J.

P. S. Tinha-me esquecido de dizer que as *Cartões* são primorosamente impressas e illustradas com finissimas gravuras, entre as quaes se destaca o retrato do autor, queorna a primeira pagina.

M. J.

ZARA—*Anthero de Quental*—Lisboa—1894.

Onotavel e distincussimo poeta Joaquim de Araujo acaba de nos enviar de Lisboa, onde reside, entre outros valiosos livros, a *Edição Polyglotta Zara*—as duas genias estrophes de Anthero do Quental, vertidas em quasi todas as linguas do universo.

As estrophes de Anthero de Quental pertencem ao pouco numero desses versos immortaes, que, atravez do tempo e do espaço, ruilam, emotivos, vibrantes e profundos, como essas formosas constellações que a especie adora, em horas de seisma, desde os dias do Paraizo até nós...

Eil-as:

ZARA

*Feliz de quem passou por entre a magna
E as paixões da existencia tumultosa,
Inconsciente como passa a rosa,
E leer como a sombra sobre a agua.*

*Era-te a vida um sonho: indifinido
E tenue, mas suave e transparente,
Acordaste... sorriste... e rayamente
Continuaste o sonho interrompido.*

Esse tributo universal, posthumamente prestado a memoria de Anthero de Quental, cerca de um resplandor sagrado o nome glorioso e puro do extraordinario e genial incomprehendido, que d'uma ancia dolorosa e desesperada, quebrou com um tiro de revolver o fi. de uma vida cheia de luctas e trabalhos herculeos!

FLORES DA NOITE—Joaquim de Araujo—Porto—1894.

As «Flores da Noite»—é um livro fornoso, onde, em cada pagina, a impecavel musica do Lyrismo de Joaquim de Araujo canta cheia dessa morbidez occidental, que nos traz a longinqua reminiscencia de Bernardin Ribeiro e aos antigos trovadores luzos.

Joaquim de Araujo vem em todos os seus versos um perfume virginal dos *lirda* e das trovas populares: mas vibra sempre nelles a nota predominante dos bons escriptores de hoje—que é a observação verdadeira e cruaente esboçada d'aquillo que se vê ou d'aquillo que se experimenta.

És porque, o poeta das «Flores da Noite», milo muitas vezes respigar nas searas do passado, os seus versos so trazem dessas epochas longevas o perfume infantil; mas reveste-os a bronza e coraça da Arte moderna; e, de todos os modos, destaca-se logo, como um alto relevo manuelino, a individualidade de Joaquim de Araujo, que é um poeta na ampla, na genuina significação deste vocabulo.

Fosse-nos dado, no restricto espaço de uma simples noticia de jornal, dizer todas as bellezas de uma obra d'Arte, muito teriamos nós que falar dos versos das «Flores da Noite», esse esplendido ramilhete de rosas—de todo-o-anno, cujo perfume suave nos entra pela alma em haustos agradabilissimos...

O soneto «Santa Iria», os lindos versos da *Menina e Moça*, e outros, e quasi todos os que compõem o livro, são d'um lyrismo encantador.

E de toda a leitura que fizemos das «Flores da Noite» uma cousa dizemos com muita sinceridade a Joaquim de Araujo: é que a docura ingenua das suas estrophes nos arrasta muitas vezes, para aquelles tempos remotos em que os trovadores em as suas *rimances, trovas, rondós e chacaras*, cantavam o amor puro e a graça ingenua e divina das Mulheres, ora apaixonados, ora tristes, como as aves das nossas matas tropicaes, que sabem chorar, passionadamente, endeixas doloridas, nas horas em que o sol glorioso, tombado no poente, atira nam raio paternal a benção de luz que recebem homens, aves, reptis e flores...

Ao poeta das «Flores da Noite»—nós, seus admiradores d'aquem-mar, devolvemos—flôres!

ANATOLIO GERVAL.

Pendão auri-verde

Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança!

*Batido pelo sol claro e festivo,
Onosuparilhão-verde e amarello-
Aberto ao vento, alto, eloquente, rico,
Sobria e eminencia, é suggestivo e bello*

*Enche-o o subretilo angustioso
Pela união das duas cores, pelo
Verde, q' é o amor da esperanca esqui-
Pelo ouro, sol q' sempre ha d'aquele-o*

*Mas outro doce idra, que me exalta,
Vem-me á mente, e não traz nenhum
desdouro—
—Uma desconhecida branca e alta*

*Q' ha um anno procuro e q' amo ha um
ano
Tem, do estandarte-nos cabellos ouro
-Verde no talha e verde como o oceano*

LEOPOLDO BRIGATO

A Ella

*Ella tem sempre no olhar
Profunda melancolia,
Essa tristeza sombria
Que lembra a luz do luar
Em noite nevoenta e fria.*

*Tem a voz triste e magnada
Como os queixumes do mar,
Das ondas que vêm rolar,
De marso, na esbranquiçada,
Extensa praia, a chorar...*

*Vejo as sombras do pesar
Annuearem-lhe o rosto,
Como as sombras do sol posto.
Aos poucos, vão-se espalhar
Num céu sem nuvens de agosto.*

*Por ella sinto pulsar
Meu coração, ai, coitado!
Que, ha muito, foi condemnado
A soffrer, sem descansar.
Dentro do peito enjaulado.*

*Feliz de mim se alguma dia
Viesse seu brando olhar,
Tão brando como o luar,
A noite longa e sombria
Da minha vida aclarar!*

Ceará—1894.

ANTONIO DE CASTRO

RECADOS

Quem faz actualmente os gastos de espirito nas columnas do *Diário do Ceará* é o Sr. Julio David, que, apesar da differença de appellido, deve ser parente proximo do Zé Pereira, aquelle descompassado humorista que tão engraçadas cousas escreveu.

N'uma das suas investidas contra a sisudez do proximo o Sr. David intercalou um—com licença do ultimo numero d'O Pão—cuja espirituosa intenção não podemos perceber.

Li a couza de baixo para cima, de cima para baixo e fiquei na mesma.

Oh, Sr. David, quando fizer espirito, faça-o claro como o de canna e não turvo como vinho Fritz-Mack.

Aquella allusão a O Pão deve encerrar cousas engraçadissimas, mas tem um defeito—ninguém entende.

Nada de egoismo, Sr. David! Pois então SS, quer fazer graças em letra de fôrma só para os seus botões?

Graças assim fazem a gente abrir a bocca... mas é de somno.

Com vistas á redacção dr. *Rio-Revista*:

Ha na imprensa cearense um noticiário que se assigna *Chamber-Son*, especialista em noticias de festas, espectáculos, bodas e baptizados e que tambem faz apreciações sobre as revistas e varias outras publicações que recebe o jornal onde elle... escreve.

Pois bem, este noticioso moço, noticiando o apparecimento da *Rio-Revista*, expressa-se assim:

«Recebemos o 1.º u. da *Rio-Revista*,

folha caricata, etc.»

Caricata! entendem?

Sim, *Chamber-Son* chamou a *Rio-*

Revista—*ru-ri-ca-ta*—e creio que não retira a phrase.

Limitamo-nos a denunciar o delicto do nosso confraterneo, mas não pedimos castigo algum para elle: no contrario pedimos que deixem-no passar por esta vez, que não façam caso.

Coitado! elle não tinha más intenções, não.

Vejam si vão agora arrastar o rapaz pela rua da amargura...

M.

TROVAS

*O Sábio diz com toda convicção:
Só pode amar-se uma vez só na vida!
Vindo o primeiro amor ao coração
Não deixa mais essa prisão dorida!*

*Neste engano eu andei annos e annos,
Masha tempos mudei de opinião:
O Sábio, ásczes, é sujeito a enganos,
—Ha leis que sirvam para o Coração?*

Ceará—1895.

LOPES FILHO

CARTEIRA

JOAQUIM DE ARAUJO

Este notavel litterato portuguez acaba de ser distinguido com a nomeação de Consul de Portugal em Genova.

Partindo para aquella cidade dirigiu-nos elle honroso cartão declarando que ali continuará a desempenhar as funções de nosso socio correspondente.

Acompanharam o sen cartão as seguintes obras que teve a gentileza de nos offerecer:—*Flôres da Noite, Zaira, Sá de Miranda, Luiz de Camões, Carta ao Dr. Rodrigo Velloso, A poesia na actualidade* e os 3 primeiros ns. da *Revista Portuguesa*, de que é director.

Em nossa secção bibliographica apreciamos hoje as *Flôres da Noite*, ultimo livro de versos de Joaquim de Araujo, e *Zaira*, de A. de Quental.

Agradecendo a delicada e valiosa offerta, fazemos votos pela boa fortuna do distincto cavalheiro na brilhante carreira que ara enceta e que, contanto, será fertil em beneficios para a sua patria.

EDUARDO SABOYA

Entrou para a redacção d'A *Semana*, da Capital Federal, na qualidade de sub-secretario desta esplendida revista o nosso querido consocio Eduardo Saboya.

Faz bem pouco tempo que se acha no Rio o joven auctor dos *Contos do Ceará* e entretanto já conseguiu impor-se ali á estima da alta roda das letras onde o seu talento é devidamente apreciado.

Parabéns ao Eduardo.

NOSSA RECEPÇÃO

A' A *Semana*, ao *Correio Paulista*, ao *Mercantil*, de Porto Alegre, á *Republica*, do Pará, á *O Livro*, da Bahia, agradecemos as amáveis referencias que nos têm feito e as transcripções com que nos têm honrado.

A NOTICIA ILLUSTRADA

A *Noticia*, do Rio, como folha adiada que é, resolveu dar aos dominicos uma edição illustrada, do que se sahio muito galhardamente.

Os dous numeros que temos á vista são adoraveis de nitidez e de espirito.

Prosa de Lulu Senior, desenhos de Julio Machado... imaginem!

Parabéns ao Rochinha.

RIO-REVISTA

Recebemos o 1.º n. desta publicação, sobre a qual daremos um artigo especial no nosso proximo numero.

HENRIQUE JORGE

A' hora em que entra para o prelo a nossa folha não nos é possivel dar noticia do concerto do nosso preso consocio Henrique Jorge, o que faremos no proximo numero.

CLOVIS BEVILAQUA

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o brilhante artigo que hoje começamos a publicar—*Criminologia e direito*—do insigne jurista Clovis Bevilaqua.

E' impossivel tratar-se de assumpto tão arido para os profanos em estylo tão claro, tão ameno e imaginoso.

TROVAS DO NORTE

Vão enfim a anciedade publica ser satisfeita com o apparecimento do primoroso livro de poesia do nosso charo collega Antonio Salles.

Amanhã (2) será o volume das *Trovas do Norte* exposto á venda em todas as livrarias desta capital e destruido pelos subcriptores aqui residentes.

A *Padaria Espiritual* celebra este jubileo acontecimento com um jantar de 25 talheres, offerecido ao poeta, no qual serão representadas a imprensa e as diversas corporações litterarias e scientificas desta capital.

COMPANHIA DRAMATICA

Em breve chegará do norte a companhia dramatica dirigida pela conhecida actriz Apollonia Pinto.

Conta bons artistas a companhia, e no seu repertorio figuram peças muito estimadas do publico, como sejam os dramas d'Ennery e outros igualmente emocionantes.

E' escusado desejar boa fortuna á companhia, visto que a casa já está tomada para todas as récitay.

CASAMENTO

O nosso consocio honorario M. Bernardino Vieira Filho, ou seja simplesmente o *Nascimento*, como lhe chamam, não sabemos porque, vai entrar para o rol dos homens serios, unindo-se pelos laços matrimoniaes á exmra. d. Anna Bastos, gentil filha do sr. dr. Gonçalo de Lagos F. Bastos, deputado federal.

Que seja muito feliz o *Nascimento*, não os nossos votos.

PREPARADO PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, e c.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA

GICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

POS DENTIFRICOS. Alveção e conservação os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

—
Todos estes medicamentos achão-se á venda na pharmacia Gonzaga.

80— Rua do Major Facundo—80, Ceará.

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DENTE ESTADO

Jóias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel para algibeira, inglezes, americanos, suíços etc, etc. **Relógios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia, tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54, RUA MAJOR FACUNDO 54.

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO,

Manoel Pereira dos Santos.

108 B — Rua Formosa — 108 B

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO

JOSÉ ELOY DA COSTA

Vpprovados pela Inspectoria de Hygiene

Pilulas contra vermes

Para expellir completamente os vermes intestinaes ou lombrigas das crianças e adultos em poucos dias. As unicas de effeito seguro e rapido. Já são purgativas, dispensando assim qualquer purgante. AS PILULAS CONTRA VERMES pelo seu gosto, pela sua formula impõe-se especialmente na medicação das crianças.

Pilulas estomacae purgativas.—São de grande efficacia nas Dores de estomago, Dyspepsias, Gastrites, Falta de Appetite, Gastralgias, Nauzeas, Dores de cabeça, Prisões de ventre, Indigestões, etc.

Essencia de salsa purrilha.—E' o purificador mais ENERGICO DO CEARA'. Cura radicalmente as molestias provenientes da fraqueza, impureza e falta de nutrição do sangue—Syphilis, Rheumatismo syphilitico, Boubas, Ulceras venereas, DARTHROS, Impigem, Sarnas, GOMMAS, Cancros, etc., etc.

Mistura anti-blenorrhagica ou Injecção Menes.—Cura rapidamente blenorrhagias recentes ou chronicas.—CURA CERTA EM 3 DIAS.

Goltas odontalgicas.—Preparação composta de diversas substancias balsamicas, produzindo instantaneamente a cura das mais fortes dores de dentes.

Pós para dentes.—Alem de agradaveis, promettem pelo seu uzo continuado um completo asseio da bocca e dos dentes, conservando a estes a sua coloração natural, trasendo a bocca em constante limpeza, prevenindo as caries dentarias e as molestias.

Xarope depurativo de cascas amargas de laranjas e iodureto de potassio.—Applicado com vantagem contra o Rheumatismo e as diversas affecções syphiliticas.

Elixir anti-syphilitico de cajú.—Especifico contra as molestias de pelle.

Xarope de bromureto de potassio e cascas amargas de laranjas.—Applicado com successo nas molestias do coração, das vias digestivas, da respiração, na epilepsia e nas insomnias das crianças durante o periodo da dentição.

Tinta preta e indelevel para marcar roupa.—Acompanha um vidro mordente para preparar o panno que se quiser marcar.

Vinho de cajú.—Já conhecido e acreditado. Não é nocivo a saude e substitue aos vinhos vindos do estrangeiro.

Todos estes medicamentos se achão a venda na Pharmacia Theodorico de JOSE ELOY DA COSTA—RUA MAJOR FACUNDO 66—FORTALEZA.

DROGARIA CENTRAL de Guilherme Rocha & C.^a e na cidade do Crato na casa commercial de POSSIDONIO PORTO & C.^a.

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 11

31 Caixa do Correio 31

Confucio Pamplona & C.

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uzo domestico desde a sala de visitas á cosinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobiliias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cosinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hoteis, cafés, restaurants, Igrejas, navios, chacearas, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da —França, Inglaterra, Allemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objectos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61—Rua do Major Facundo—59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

Oliveira Rola

Agente de

LBILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

Typ.—STUDART—Rua Formosa n. 16.